

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA
TERMINALIDADE – CONHECIMENTOS AMBIENTAIS

VOIA CRIRI

**IMPACTOS DA COLONIZAÇÃO E DA BARRAGEM NORTE SOBRE A
ESPIRITUALIDADE DO POVO LAKLÃNÕ/XOKLENG: MEMÓRIAS DO RITUAL
DO PÉTOGDÉ**

Florianópolis - SC, 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA
TERMINALIDADE – CONHECIMENTOS AMBIENTAIS

VOIA CRIRI

**IMPACTOS DA COLONIZAÇÃO E DA BARRAGEM NORTE SOBRE A
ESPIRITUALIDADE DO POVO LAKLÃNÕ/XOKLENG: MEMÓRIAS DO RITUAL
DO PÉTOGDÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina –
UFSC

Orientador: Rodrigo De Almeida Mohedano

Coorientadora: Walderes Cocta Priprá

Florianópolis - SC, 2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Criri, Voia
IMPACTOS DA COLONIZAÇÃO E DA BARRAGEM NORTE SOBRE A
ESPIRITUALIDADE DO POVO LAKLĀNŌ/XOKLENG: MEMÓRIAS DO RITUAL
DO PĒTOGDĒ / Voia Criri ; orientador, Rodrigo De Almeida
Mohedano , coorientadora, Walderes Coctá Priprá, 2020.
20 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, , Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica,
Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. Povo LaklānŌ/Xokleng . 3. Impactos . 4.
Barragem Norte. 5. Espiritualidade e Crenças. I. Mohedano
, Rodrigo De Almeida . II. Priprá, Walderes Coctá. III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. IV. Título.



ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 27 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 14h00min, na Sala 322 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor orientador **Rodrigo de Almeida Mohedano** e Presidente, Professor **Paulo Belli Filho**, Membro da Banca e Professora **Elis do Nascimento Silva** Membro da Banca, designados pela Portaria nº 32/2020/HIST/CPH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Voia Criri**, subordinado ao título: **"Impactos da colonização e da Barragem Norte sobre a espiritualidade do povo Laklânô/Xokleng: Memórias do Ritual do Pêtoçdê"** Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor **Rodrigo de Almeida Mohedano** a nota final 5,00 do Professor **Paulo Belli Filho**, a nota final 5,00 e da Professora **Elis do Nascimento Silva**, a nota final 5,00; sendo aprovado com a média final 5,00. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF/A e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 27 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Rodrigo de Almeida Mohedano

Prof. Paulo Belli Filho

Prof. Elis do Nascimento Silva

Candidato: Voia Criri



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico(a) Voia Criri, matrícula n.º 16105953, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **IMPACTOS DA COLONIZAÇÃO E DA BARRAGEM NORTE SOBRE A ESPIRITUALIDADE DO POVO LAKLÂNÔ/XOKLENG: MEMÓRIAS DO RITUAL DO PÉTOGDÉ**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 03 de Março de 2020.



Documento assinado digitalmente
Rodrigo de Almeida Mohedano
Data: 03/03/2020 15:24:16.0000
CPF: 269.816.928-07

Prof. Rodrigo de Almeida Mohedano
Orientador(a)

IMPACTOS DA COLONIZAÇÃO E DA BARRAGEM NORTE SOBRE A ESPIRITUALIDADE DO POVO LAKLÃNÕ/XOKLENG: MEMÓRIAS DO RITUAL DO PÉTOGDÉ

AUTOR: VOIA CRIRI
ORIENTADOR: RODRIGO DE ALMEIDA MOHEDANO
COORIENTADORA: WALDERES COCTA PRIPRÁ

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo relatar alguns impactos causados pela construção da barragem norte, sobre a cultura, espiritualidade e economia do povo que habita a terra indígena Laklãnõ. Para isso realizei uma pesquisa através de entrevistas com algumas com os mais velhos (os anciãos da comunidade) e consultei fontes bibliográficas. O foco da análise foi à observação de alterações dos costumes comparando as atividades culturais e espirituais praticadas antes e depois da barragem. Para isso realizei uma pesquisa através de entrevistas com alguns membros da comunidade (Anciãos e sábios, Villi Ndili, Paté Vãheky, Ndili Criri, Neli Vanhká, Maria Ndili, Aniel Pripra). Como resultado pôde constatar que a presença da barragem alterou significativamente a vida do povo, considerando três aspectos principais: A separação das comunidades em diferentes aldeias; a inundação de terras férteis para agricultura e a disponibilidade de peixes quanto à quantidade e variedade. As espécies de pescado não representavam apenas um recurso nutricional para o povo, mas tinham um papel importante em rituais espirituais como no caso do *pégtodé* (Cascudo, *Hypostomus* sp.). Este peixe, que não ocorre mais no local devido à barragem, era utilizado em um ritual feito com os meninos, para a escolha do novo chefe espiritual (Kujá). Devido ao impacto da barragem, esse importante ritual deixou de ser feito e hoje poucas pessoas tem conhecimento de sua existência salientando que os peixes eram importantes para alimentação e para mitologia do povo Laklãnõ/Xokleng.

Palavras-chave: Povo Laklãnõ/Xokleng, Impactos, Barragem Norte, Espiritualidade e Crenças.

VÃNBEL KATXIN

VãnbeltógtēgojnēzelbágtōLaklãnõ/Xoklengóggōkanētōvēnke vã. Ēnhtxohã te jénūjugkúgzó os blévēmūógtōjōkabégjé, kagklótōpégtodétōógtōjēlógtōkagklókónāugjé. Jãglógojnēzelbágtógtēkagklóunógmētughánmū, kagklotōPétogdētē ū há vã. kagklomētúgtēkūógvūdéntógtēkaghãnbágvanhkutē.

Vãnhlál: agglēltōLaklãnõ/Xokleng, Gajúg, Kuplénh.

INTRODUÇÃO

Meu nome é VoiaCriri sou do povo Laklãnõ (Xokleng) vivo na aldeia Palmeira na Terra Indígena Laklãnõ localizado no município de José Boiteux. Nasci na cidade de Ibirama que fica 40 km de onde resido, filho de NdilliCriri e KacildaCriri, o nome que eu tenho, foi meu pai quem deu em homenagem ao seu irmão, tenho mais seis irmãos, Córdula, Kam-man, Lucinea, Vaipõn, Mélia e Tainá, minha língua materna sempre foi o Laklãnõ/Xokleng, pois meus pais só falavam no idioma, desde criança morei na terra indígena Laklãnõ, na minha aldeia nunca teve escola então aos 6 anos de idade fui pela primeira vez para escola que ficava fora da aldeia. O tempo foi passando eu continuei a estudar em escola não indígena até o

sexto ano, no ano de 2004 passei a estudar numa escola indígena localizada na aldeia Palmeira com matérias específicas como a língua materna.

Segundo (SANTOS, 1971) A História do povo Laklãnõ/Xokleng é uma história sangrenta cheia de luta e perseverança, este povo habita o sul do Brasil no estado de Santa Catarina, no Alto vale do Itajaí, sendo o único povo Laklãnõ/Xokleng existente.

O povo vive na Terra Indígena Laklãnõ que faz divisa com quatro municípios, sendo eles: José Boiteux; Doutor Pedrinho; Vitor Meireles e Itainópolis. Atualmente está dividida em dez aldeias: Sede, Bugio, Figueira, Toldo, Coqueiro, Palmeira, Pavão, Plipatól, Kóplág e uma aldeia Guarani. Cada aldeia tem sua organização interna a qual é composta pelo cacique/vice cacique e suas lideranças como: conselheiro, fiscal e capitão. O juiz eleitoral e o juiz de direito são indicados pelos caciques regionais com o apoio do cacique geral. Estes por sua vez organizam as eleições que ocorre a cada três anos e o juiz de direito executa as leis tanto para a comunidade como para as lideranças, de acordo com seus atos.



Figura 1: Localização do município José Boiteux. (Raphael Lorenzeto de Abreu 2006)

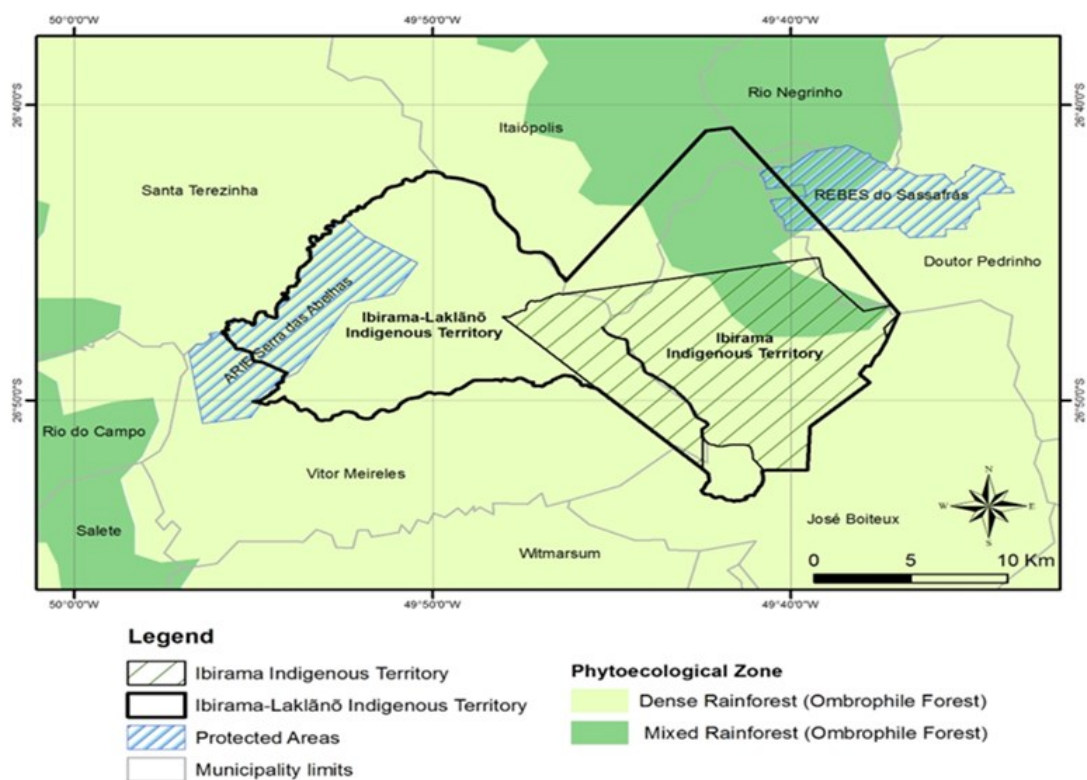


Figura 2: Mapa da Terra Indígena Laklãnõ (FUNAI 1997)

Segundo athayde (2016) a Terra Indígena era uma única aldeia, a partir de 1978 criou-se mais aldeias. Segundo Santos (1973): "Esse povo é sobrevivente de um processo brutal de colonização que ocorreu no final do século XIX e início do século XX". Devido a esse massacre o povo foi obrigado a deixar seu habitat natural para se entregar ao chamado "progresso", pois o povo não via outra forma de sobreviver em meio ao processo de colonização. Essa foi a forma encontrada para manter o pequeno grupo vivo. No ano de 1914 às margens do rio platé os representantes do povo Kóvi, Vomble e Kamlém, este último kujá do povo Laklãnõ, decidem fazer o contato, ato conhecido como "pacificação". Hoje esse povo se encontra após 105 anos de resistência na luta pela sobrevivência.

A construção iniciou-se em (1972) os impactos causados pela barragem é imensuráveis, ela foi construída com intuito de proteger as cidades do vale que vinham sofrendo com as enchentes nas épocas de fortes chuvas, o que não se observou e não foi estudado foram os impactos que a barragem iria causar na terra indígena em épocas de chuva, pois, desde primeira grande enchente ocorrida e, cada nova enchente que ocorre na região: famílias desabrigadas; casas inundadas e condenadas; aldeias isoladas; cancelamento das aulas nas escolas; profissionais da saúde não conseguem fazer o atendimento nas aldeias.



Figura 3: Barragem José Boiteux/SC - com Drone

Segundo Ndili (2015) o povo luta pela demarcação da terra e pela indenização da Barragem Norte construído em, 1972, com o objetivo de conter as cheias que alagaram as cidades abaixo no vale do Itajaí.

Esta construção trouxe consequências gravíssimas para toda comunidade indígena Lakãñõ/Xokleng que vive próximo da barragem, o principal foi impacto ambiental, cultural e social. Segundo Patté (2015) a barragem norte faz parte do complexo de três barragens de contenção de cheias do Rio Itajaí.

Para analisar os impactos que ocorreram na espiritualidade do povo Xokleng o presente estudo foi realizado através de uma pesquisa de natureza descritiva. Segundo Gil (2007), estas pesquisas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Foi utilizada a técnica de estudo de campo e também pesquisa bibliográfica para concretizar este estudo. Segundo Gil (2007), o estudo de campo focaliza uma comunidade e a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo.

A pesquisa bibliográfica foi fundamentada utilizando-se material já elaborado de literatura nacional e internacional, constituído principalmente de livros. Para verificar a variação da ocorrência de espécies de peixes de importância para o povo Xokleng foram realizados entrevistados os anciões Vili Ndili, Vanhká, Paté Vãheky, NdiliCriri, AniélPripa.

Este artigo irá relatar o processo de perda cultural, material e imaterial desse povo, mostrando à nova geração a importância de conhecer as histórias orais que nos foram transmitidas de geração a geração, desde a espiritualidade (nossas crenças) e principalmente o ritual do pétogdé, do qual minha pesquisa tem um grande enfoque. Para isso realizei uma pesquisa através de entrevistas com alguns membros da comunidade (Anciões e sábios). O foco da análise foi à observação de alterações dos costumes comparando as atividades

culturais e espirituais praticadas antes do contato e depois da construção da barragem. Apresentar o resultado sobre a cultura e espiritualidade do povo. Mostrar que algumas espécies de peixes não representavam apenas um recurso nutricional para o povo, mas, tinham um papel importante nos rituais, às perguntas que realizei foram as seguintes;

Em que época do ano se realizava esse ritual?

Para que esse ritual era realizado?

Quem podia participar do ritual?

Com quantos anos poderia participar?

Porque não se realiza mais esse ritual?

Outro impacto que a Barragem causou foi a separação do povo, pois da construção o povo vive em uma aldeia só sempre às margens do rio, as terras eram férteis eles tinham suas plantações, mas com o aumento do volume da água as terras foram cobertas.

ESPIRITUALIDADE LAKLÃNÕ/XOKLENG

O presente trabalho irá relatar os impactos causados pela barragem na espiritualidade e rituais do povo Laklãnõ/Xokleng. Para isso realizei uma pesquisa através de entrevistas com algumas pessoas mais velhas (os anciãos da comunidade). A pesquisa foi realizada na Terra Indígena Laklãnõ, em quatro aldeias; Palmeirinha, Sede, Bugio, Plipatól, a entrevista foi feita com as seguintes.

Em que época do ano se realizava esse ritual?

Para que esse ritual era realizado?

Quem podia participar do ritual?

Com quantos anos poderia participar?

Porque não se realiza mais esse ritual?

O território brasileiro é composto por aproximadamente 305 povos indígenas e 274 línguas (IBGE /2010), cada povo com sua especificidade. Cada um com suas crenças e rituais diferenciados, mas todos têm uma coisa em comum, acreditam na força da mãe natureza e nos espíritos dos antepassados. Para o povo Laklãnõ/Xokleng a espiritualidade vem dos “gajúg” (ser sobrenatural, espírito do mal e bem) e do “kuplénh” (fantasmas ou almas), pois acreditavam que esses espíritos se manifestam de várias formas, como se fossem animais, árvores ou outro ser da natureza. O “kuja” conhecedor dos espíritos conhecidos como “kluplénh” e é quem pode fazer o contato com eles. Na história do surgimento do homem Laklãnõ/Xokleng podemos ver como a natureza foi boa com o povo dando a eles o privilégio de se encontrarem para dar continuidade a nossa história, segundo a criação e surgimento os Vãhkey (nome usado como sobrenome de uma família) vieram do rio, e os klendo (nome usado como sobrenome de uma família) saíram das montanhas, a junção de água e terra dá o sentido a vida, então por isso a espiritualidade está diretamente ligada à natureza.

Segundo Popó (2015), o *kujá* era a pessoa que conhecia todos os espíritos ele tinha contato direto com eles, podendo nesse sentido, interceder por alguém ou pelo povo, diante de alguma situação que poderia comprometer o povo, onde a pessoa que cometeu algo de errado pudesse ter a condição de arrependido durante a cerimônia aos espíritos.

Como já mencionado anteriormente a espiritualidade Laklãnõ/Xokleng está ligada à natureza, pois, os seres da natureza estão ligados à nossa crença, o bugio, o pica pau, abelhas, mosca, onça, e até de plantas. Segundo o relato do ancião Paté Vãhkey (Imagem 1, ao centro camisa verde), quando o bugio ronca significa a previsão de um acontecimento como morte

de um parente, e que devemos nos preparar espiritualmente para poder lidar com a situação. Outro exemplo na fala do ancião Paté Vãhky é quando a mosca verde aparece no velório, isso indica que alguém daquela família vai morrer, ou quando entra nas casas ele está dando o aviso que alguém dali vai morrer.



Imagem 1. Roda de conversa com ancião, Paté Vãhky, Autor: VãhkyPatté, 2018.

No passado a espiritualidade era vista de forma sagrada, pois não havia ninguém que pudesse dizer que esse tipo de crença fosse “coisa de outro mundo”, pois a crença do Lakãñ/Xokleng estava nos animais sagrados, então quando iam caçar ou pescar ou até mesmo coletar frutos pediam para natureza e falavam o porquê deles estar fazendo isso, como:

“jõtokuteētxohãmõzékékaténh vã dékutxogugtánhke vã, ēnhkánhkaóglétoagglánké vã”, (“Mãe natureza venho te pedir permissão para poder caçar o bugio, para poder se alimentar com minha família”), (Oração de caça)

A natureza é sagrada por isso devemos respeitá-la e pedir permissão aos nossos kuplénh (e em português?) para nos ajudar. Muitos relatos dos anciãos nos fazem crer nisso, na fala da anciã Maria Ndili (Imagem 2) nos faz pensar o que pode acontecer se desrespeitarmos a mãe natureza:

“okujaKamlém castigou seus filhos quando eles mataram o animal sagrado Kamlém (bugio), chama por seus filhos e diz: meus filhos, por que vocês fizeram isso, seus “malcriados” estão me matando”.

Nesse momento ele passa um castigo aos seus descendentes, fazendo com que, a partir daquele momento, seus filhos não viveriam por muito tempo, por terem desobedecido a uma ordem dele como kujá.



Imagem 2. Ancião Maria Ndili, na escola Lakãõ ensinando a confeccionar artesanatos, Autor: Ana Patté(2019).

No passado o povo Lakãõ/Xokleng tinha sua própria crença e, acreditavam em tudo que vinha da natureza animais plantas, trovões, isso era a forma do Lakãõ/Xokleng ter sua própria crença, logo após o chamado contato pacífico em 1914, muitas coisas foram se perdendo em relação à espiritualidade do povo, pois com o contato os não indígenas tiveram uma grande influência na cultura do povo não permitindo que realizassem mais seus rituais Isso se intensificou ainda mais com a entrada da igreja cristã naquela época a partir daí foram disciplinados que não havia outro Deus a não ser o Gynhmõnêque eles acreditavam, que só ele poderia curar e realizar milagres e que o que eles praticavam era coisa demoníaca do gajug” (espírito mau).

ESPIRITUALIDADE LAKLÃÕ/XOKLENG PÓS-CONTATO

Antes do ano de 1914, o povo Lakãõ/Xokleng cultuava seus deuses sem medo porque não conheciam o bem e o mal, sabiam que deveriam estar sempre em harmonia com a natureza, segundo o relato da Elaine K. Camlém,

“ela chegou a conhecer seu bisavô que veio da mata, segundo ela, ele contava várias histórias do nosso povo e em um dos relatos que ela se recorda é que certa vez o povo Xokleng em um de seus conflitos com os zug(povo branco) o líder do grupo de luta pediu aos que estavam atrás dele para se esconderem atrás das árvores, fizeram conforme o mandado de seu líder, seus corpos se transformavam em árvores e os que estavam perseguindo eles passavam das árvores e não viam eles, por isso que os povos indígenas chamam atualmente de Mãe Natureza”. (entrevista 13/02/2020)

Mãe Natureza porque muitas vezes ela cuidou de nossos ancestrais livrando eles muitas vezes de serem mortos também porque dela que vem nossas crenças, nossos mitos e histórias estão totalmente ligada e natureza. Hoje, devido a proibição dos nossos ritos, muitos de nós não tivemos a oportunidade de conhecer na prática o modo de fazer as cerimônias, mas

esse conhecimento foi sendo passado de geração e geração de uma forma oral. Sem contar à forma que a igreja usou para conquistar nossa confiança e assim também impor suas regras impedindo cada vez mais nosso contato com nosso Gynhmõ nẽ,

Contudo outro grande impacto em nossa sociedade estava por vir, pois se somando as bruscas transformações em nossa sociedade desde a “Pacificação”, veio a construção da barragem que afeta gravemente o nosso modo coletivo de viver, nos obrigando a procurar outros lugares para habitar devido às constantes enchentes. Hoje a minha geração procura formas para reviver o que está adormecido e, conta muito com a ajuda dos anciãos, dos professores e da comunidade que, incansavelmente, busca mostrar ao mais jovem a importância de se conhecer e se aprimorar na questão dos nossos saberes trazendo como referência nossas crenças, através dos relatos.

Na pesquisa realizada percebi o quanto nossas crenças ainda estão fortes na mente dos nossos anciãos, durante a entrevista o dia estava bem chuvoso, sentado conversando com o senhor AnielPriprá (Imagem 3) escutei um pássaro jól cantar, o ancião mais que depressa me disse “escuta esse canto jólkyltógmã, te klyltógtē ti tōunjyvanh vã”, nesse momento o ancião gritou respondendo ao pássaro dizendo para ele parar de gorar o povo, pois aquele cantar dele era triste, fiquei feliz por presenciar aquele momento, pois nem mesmo eu o sabia que pássaro era aquele, procurei para poder tirar uma foto mais não consegui encontrá-lo. Durante a conversa o ancião fala da importância nesse momento da escola, onde ele diz que “nos dias atuais a escola tem tido um grande comprometimento no processo de recuperação dos rituais levando para escola nossas histórias em forma de teatros e relatos de histórias, levando nós lá na escola, isso pra nós é bom”,percebi a importância do contato dos anciãos com a comunidade escolar, dessa forma ativando ou acordando algo estava adormecido na história do povo.



Imagem 3. Anciãos, AnielPriprá roda de conversa no 3º encontro do Acampamento Terra Livre foto: FavénhNamlá ano. 2019

Em uma roda de conversa com alguns anciãos na escola Lakãñõ, na aldeia Plipatól, vários estudantes prestavam atenção nas histórias contadas pelo meu paiNdiliCriri (Imagem 4.) contou a história do jól (pássaro sagrado) que tem dois tipos de conto, quando ele canta triste algo que foi planejado vai dar errado e quando ele canta alegre está avisando que tudo

vai dar certo para aquele dia. Outra ave que é importante na crença e espiritualidade Laklãnõ/Xokleng é o kókóli, este quando canta e sobrevoa sobre a comunidade, acreditasse que é Kamlém nosso kujá cuidando do povo e também avisando que algo está por acontecer. O ancião NdiliCriri complementou falando também do bugio, animal sagrado que avisa quando vai chover.

Sengundo Popó (2015) “o bugio, jol e o kókoli são animais sagrados, poiseles avisam o que irá acontecer durante o dia ou futuramente”.



Imagem 4. Vice Cacique presidente Ndili Criri, Autor: Aristides Criri, 2015.

Com a entrada da igreja na T.I (Terra indígena) para evangelizar o povo, muitos deixaram de acreditar no kuplênh da natureza e atualmente acreditam em um Ser Espiritual, Ser Divino que protege e livram eles onde eles estiverem. No ano de 1930 a religião entrou na terra indígena Laklãnõ, a primeira foi à católica que doutrinou osLakãnõ/Xokleng a não realizarem mais seus rituais e não acreditar nas coisas da natureza. A partir de 1940 foi à vez de a religião evangélica entrar fazendo a mesma coisa, proibindo tudo que fosse da cultura e tradição.

Segundo Acir Kaile, professor e morador da aldeia bugio, graduando da Licenciatura Intercultural do sul da Mata Atlântica:

"As histórias contados para os mais jovens na minha comunidade sempre voltados para as crenças do povo Xokleng sempre foi muito rica em seus relatos. vou contar um pouco sobre meu aprendizado que tive na minha cultura a cultura do povo XoklengLaklãnõ.Venho de um berço muito tradicional na minha cultura meu bisavô e minha bisavósairam do mato quando eram bem jovens da

Mata no primeiro "contato" com o não indígena, meu avô e minha avó são falantes da língua materna e contadores da história do povo minha família são todos falantes da língua e sempre ouvi histórias contadas sobre nossas crenças, aprendi a respeitar e acreditar desde criança. Contaram várias histórias relacionadas como o canto do jol ou kégge, queo povo interpreta como um aviso para o povo ou para pessoa que está ouvido na mata sobre o bom acontecimento ou uma coisa não muito boa, e também temos a coruja que produz um som que interpretamos como alguém que vai morrer e o som que Bugio produz interpretamos como o um alerta para chuva. Assim como temos todos nós indígena nos identificamos para a natureza quando estamos entrando em contato com ela naquele momento e quando vamos tirar alguma erva medicinal temos pedir permissão e pedir para a erva coletada para curar a pessoa que vai tomar aquele chá. Desde virada de tempo repentino”, mudança de clima, “significava, para o povo um aviso conhecido pelo povo de dénjāngó”, esta palavra não tem tradução, mas, sabemos os seus significados que também é o aviso de alguém do povo que vai partir (morrer). “Todos esses ensinamentos foi passado para mim pelos meus avós meu pai e outras através de pesquisa realizada com os anciãos da minha comunidade. Hoje vejo que parte da população mais jovem do meu povo não conhecem essas crenças devidas algumas interferências bruscas após o contato vão citar aqui um desses agravantes que é a construção da barragem norte que dividiu o povo e acelerando a perda cultura do nosso povo acabando a com os grupos familiares a troca de afeto e novas descobertas e troca de experiências em reuniões familiares, não bastando tudo isso só, mas também parte dos costumes alimentares cita um dos alimentos principais o peixe a caça na beira do rio que sumiu com as grandes enchentes, o peixe já escasso, não existe mais fartura como era antes da barragem, varia espécies de peixes não existe mais e caso do peixe conhecido pelo povo de vugvug que o povo sempre gostou de saborear. Além das histórias boas sempre ouvimos as mais tristes que sempre nos fortalece pensando em um futuro melhor para o nosso povo e lutar por nossos direitos como cidadãos Nativos Brasileiros”. (entrevista 18/02/2020)

Em muitas conversas com anciãos e sábios da comunidade, consegui perceber que a construção da barragem norte em 1972 afetou direto nos costumes, crenças e tradições, trazendo uma mudança drástica na vida social do povo no modo de viver da comunidade e na espiritualidade, nas crenças, pois, acabou destruindo a natureza de onde vinha nossa crença. Segundo Átila Mokling, jovem professor da escola Lakãñõ,

“se nós não fizermos nada para reviver esse nosso lado da tradição acredita que nos próximos anos não haverá mais nada para ser contado, pra que isso não aconteça temos que conscientizar nossas crianças que esses ritos são muito importantes, temos que começar nas escolas e também nas igrejas conscientizando a importância da nossa cultura, eu sei um pouco da nossa espiritualidade por meus avós me contavam como era quando eles viviam no mato, minha avó ainda tinha aquela crença nas ervas medicinais toda vez que ela ia fazer um chá ela sempre pedia permissão as plantas porque dela arrancar a planta”. (entrevista 19/02/2020)

Por muito tempo à espiritualidade sagrada de nosso povo foi sendo deixado de lado, pelo fato das igrejas terem posto na mente de nossos anciãos que tudo aquilo era pecado, esses rituais já não são mais vista como importantes e sagrados pela nova geração, mas, como o intenso trabalho, muitos estão aceitando a ideia de recuperar nossa cultura e tradição, sabemos que ainda há um longo caminho a percorrer, mas sabemos que aos poucos vamos conseguir acordar a comunidade para algo que muito importante “reviver, acordar” o que está adormecido, e mostrar que nossas crenças têm fundamentos e que não podem ser vistas como diabólicas ou amaldiçoadas.

RITUAL COM PÉTOGDÉ

Esse ritual do pétogdé não é muito falado na comunidade e muitos anciãos têm um pouco de receio para abordar esse tema, por se tratar da cerimônia realizada para a escolha do novo líder espiritual o kujá. Muitas crianças participavam desse ritual mais somente um chegava ao final desse ritual, por ser compostas de fases espirituais nem todas conseguiam chegar ao final e aquele que chegasse até o fim seria o próximo kujá do povo. Para a realização desse ritual havia um peixe específico chamado pétogdé (Figura 1), um peixe bem pequeno.

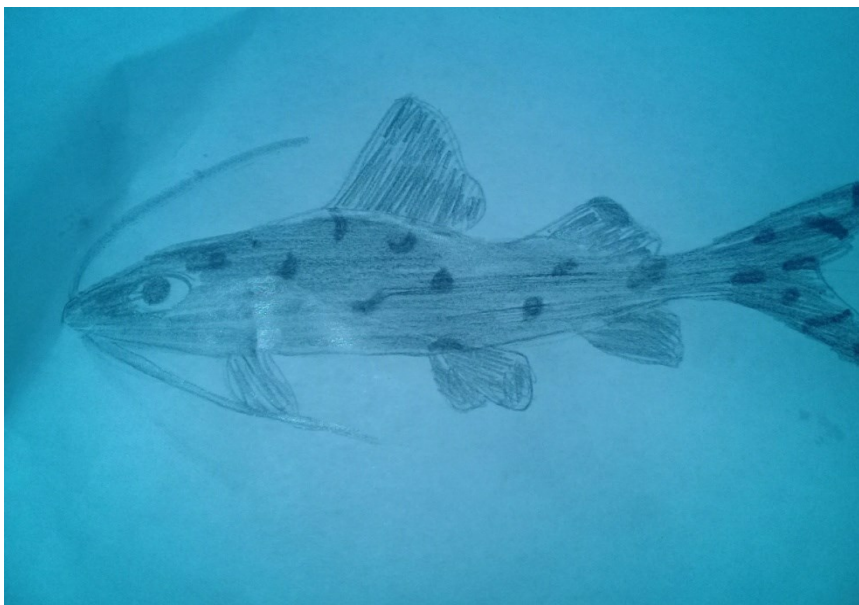


Figura 1 Pétogdé, desenho VoiaCriri, 2020.

Durante o processo de colonização no sul do Brasil, o povo Lakãõ/Xokleng, não conseguiu realizar muitas cerimônias, mesmo sem ter o contato direto com o colonizador. A invasão nos territórios do povo Lakãõ/Xokleng não permitia, pois, tinham que estar sempre à espreita com medo de serem mortos etambém devido à escolha dos locais e tempo utilizado para a realização dos rituais. E para completar a desgraça que afligia o povo, após o contato chega à igreja e ajuda destruir o pouco que ainda restava das crenças.

Para a realização desse trabalho visitei alguns anciãos, outros momentos os anciãos chegaram até mim, como se fossem mandados pelo destino. Fui até a casa da anciã Vanhká Neli que me contou que:

“esse ritual parou de ser realizado faz muito tempo, a maioria da comunidade não tem conhecimento desse rito, pois ele parou de realizado antes do contato, eles faziam esse ritual quando ainda não tinham o contato com o homem branco, além disso, naquele tempo o peixe que era utilizado para o ritual tinha bastante no rio, pois o rio não era tão sujo e cheio de lodo, lembro que era bem limpo e cristalino, de tão limpo que era o rio você conseguia ver os peixes, o rio também não era de jeito que é hoje, depois da barragem que ele ficou largo e fundo, ele era tipo um córrego tinha cerca de dois metros de largura, e havia bastantes pedras no meio e você conseguia pegar os peixes por isso. Com o passar do tempo esse ritual foi esquecido, pois como o peixe que era feito o ritual foi ficando cada vez mais difícil de encontrar, como sabiam que esse peixe era importante começaram a consumir e com a construção da barragem ele sumiu de vez, ate hoje essa nova geração não sabe e não tem conhecimento que o peixe com o nome de pétogdé tinha essa importância na cultura xokleng.” (entrevista 22/11/2019).

O ritual com o pétogdé acontecia uma vez a cada certo tempo, era quando as crianças atingiam aproximadamente 6 ou 7 anos de idade que o kuja dava como certo para fazer o ritual, então reunia-se as crianças em uma outra casa onde passavam dias para purificar seu corpo e alma essa casa de rito ficava longe dos demais dentro da mata, as crianças ficavam longe de seus pais e outras pessoas da comunidade por alguns dias, enquanto isso o kuja escolhia três pessoas da comunidade para irem a pesca em busca do peixe para o ritual a ser realizado, a ordem era para que trouxessem a quantidade exata de alimentos (peixe) para as crianças que foram separadas, e enquanto o número de peixes não atingisse a quantidade das crianças que foram separadas o ritual não era realizado, dependendo da circunstância este ritual leva dias para acontecer.

Assim que o número de peixes atingia a quantidade exata das crianças o kuja pedia que fossem buscassem as crianças no local que elas estavam para dar o início ao ritual. Segundo narra o ancião Vili Ndili (Imagem 5) a “comunidade presente entoando cantos e rezas no idioma”, o ancião levanta e começa a fazer a dança em círculo e o canto como se estivesse ali vendo a cerimônia acontecer, e continua falando “depois de realizarem as rezas e cantos o kuja chamava uma por uma das crianças daí começava a cerimônia que seria a primeira etapa do ritual” não vou descrever o processo a pedido dos anciãos, mas era nesse

momento que os selecionados estavam prontas para pescar ou nadar, pois não corriam o risco de se afogarem.



Imagem 5 Anciãos Maria Ndili e seu esposo VilliNdili, Autor: Rafael Ndili ano 2017

Esse ritual acontecia no verão em época de lua cheia, quando os peixes estão “festejando”, eles aparecem na beirada do rio em grandes cardumes, para essa cerimônia somente os meninos podiam participar e ficavam separados da família e da comunidade para se purificarem e aprender a se conectar com a mãe natureza, conhecer os espíritos e ter contatos com eles, nem todos conseguiam, pois o processo de aprendizado era bem rigoroso e dolorido, para esse ritual o peixe tinha que estar cru. Os participantes teriam que conhecer todos os tipos de plantas e ter um contato com elas conhecergajúg e kuplénh e saber diferenciá-los. Esse contato com os espíritos que era o mais difícil e exigia muito das crianças. Mas em todo tempo estavam acompanhados do kujá. As crianças que não conseguiam passar todo o processo para ser o substituto do kujá recebiam vários conhecimentos que poderiam ajudar na comunidade como, ser um bom pescador, caçador e também corredor (o jovem que levava mensagem entre os grupos).

Esse ritual também era conhecido como “Passagem de Conhecimento”, pois a partir daí as crianças tinham a noção exata de onde estavam os peixes, muitas vezes não utilizavam lança, arco e flecha para pescar. Eles mergulhavam e pegavam esses peixes com a mão, naquele tempo o rio era cheio de peixes cascudo, cará, piava, como o rio era de pedras os cascudos ficavam debaixo das pedras então essas crianças mergulhavam e pegavam eles com a mão mesmo.

Segundo senhor VilliNdili, *no passado esse ritual era o mais importante, pois eram passados aqueles meninos um conhecimento tão grande que só ele iria saber onde os peixes e os animais estavam, e por isso a comunidade passaria a depender deles porque eles passariam pescar para alimentar todo o povo sempre com a proteção do Gynhmônê.*(entrevista 12/11/2019)

A anciã Neli Ndili ainda conta esse peixe era bem pequeno *seu tamanho era de cerca de seis centímetros por isso era bem complicado para serem pescados, e por isso que tinha*

vez que os meninos ficavam mais de vinte dias separados da comunidade porque era bem difícil de ser pego o pétodé, ela ainda relata que esse peixe era proibido para a alimentação era só para o ritual.

O ritual do pétodé parou de ser realizado depois antes do contato com os zúg, não indígena devido à colonização, depois do contato não puderam realizar essa e outras cerimônias, mas ainda existia o peixe pétodé que foi extinto com a construção da barragem norte. Na década de 1930 o povo tem o contato com a religião, a partir daí começaram a viver segundo o que a religião impôs. Atualmente vários estudos já foram feitos em relação às crenças dos Lakãñ/Xokleng, mas todos contam a mesma coisa que a crença do povo vem só das plantas e animais, e poucos tem o conhecimento até mesmo os membros da comunidade como a nova geração também têm a crença e espiritualidade ligada a peixes, aos animais e a toda a natureza, ritual que era conhecido como passagem de conhecimento e a preparação do novo kujá.

CONCLUSÃO

Depois de um longo estudo sobre a questão Espiritualidade e Crenças na Terra Indígena Lakãñ em conversas formais com anciões e partes da comunidade pude perceber a gravidade que foi a construção da Barragem Norte e de como essa construção afetou diretamente a comunidade Indígena, isso não ocorreu só na vida cotidiana, mas também na vida cultural, social e política da comunidade, com grande perda de seus costumes, crenças e rituais. O objetivo do trabalho foi identificar as interferências na espiritualidade da comunidade xokleng, e durante o estudo pude perceber a tristeza da comunidade pelas perdas e esse impacto se não foi o principal.

Outro impacto foi na vida social, pois essa mudou radicalmente, pois saíram de suas casas que ficavam as margens do rio de onde tiravam seu sustento, com o aumento do volume da água tiveram subir as encostas e morro onde hoje morram vivendo com o risco de deslizamentos, hoje vivem nas partes mais altas de suas terras para fugir das enchentes.

Durante a pesquisa percebi que a religião também interferiu, pois estes impuseram suas doutrinas, proibindo nossas crenças. Então o povo passou a viver do modo que as igrejas queriam adorando a Deus e não há outro Deus, que seria o nosso Gynhmõ nẽ, desse modo nossos costumes e tradições passaram a ser deixados de lado

Durante o estudo percebi que a barragem é vista com bons olhos para os moradores das cidades a baixa dela, pois a mesma evita que aconteça cheias e alagamentos, mas para a comunidade xokleng só o que trouxe foi grande destruição, e hoje só o que fica é tristeza e lamento. Hoje sem muito que fazer apenas busca seus direitos garantidos na constituição de 88 e reivindicam o que lhes foi prometido.

Referência

ABREU, RAPHAEL. LORENZOTO disponível em www.pt.wikipedia.org/wiki/jos%c3%a9_Boiteux.2006 (acessado em 2019)

ATHAYDE, Marcia Fusinato Barbosa. A Barragem Norte e Suas Influências na Formação Socioespacial em José Boiteux-SC., Mestrado UDESC- Apresentado como Dissertação, 143 p UDESC Florianópolis, 2016.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.
_____. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

NDILI, NEUTON CALEBE VAIPÃO. Mudanças Socioambientais na Comunidade Xokleng/Lakãõ a Partir da Construção da Barragem Norte Trabalho de Conclusão de - Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica/UFSC. Florianópolis, 2015.

PATTÉ, Ana Roberta Uglõ. Barragem Norte na Terra Indígena Laklãõ. Trabalho de conclusão de curso - Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica/UFSC. Florianópolis, 2015.

POPÓ, Carli Caxias. Cosmologia na Visão Xokleng Trabalho de Conclusão de - Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica/UFSC. Florianópolis, 2015.

SANTOS, Silvio Coelho dos. Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Edeme, 1973. 312 p. (Apresentado originalmente como Tese de Doutorado. 1971 USP).